

Cuba presta homenagem aos oito estudantes de medicina fuzilados há 153 anos



Foto: Luis Jiménez Echeverría

Havana, 28 de novembro (RHC) O presidente da República, Miguel Díaz-Canel, acompanhou milhares de jovens que participaram, na quarta-feira, da tradicional marcha pelo 153º aniversário do fuzilamento de oito estudantes de medicina pelo colonialismo espanhol.

A marcha, que partiu da escadaria da Universidade de Havana até o monumento que recorda o vil assassinato, localizado na Avenida Prado esquina Malecón, também contou com a presença de Roberto Morales Ojeda, Secretário de Organização do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba; Meyvis

Estévez Echeverría, primeira secretária do Comitê Nacional da União de Jovens Comunistas, entre outros representantes do Partido, do Governo e das organizações de massa e estudantis.

O presidente nacional da Federação Estudantil Universitária (FEU), Ricardo Rodríguez González, destacou a dor que desperta esse acontecimento, que alcança a juventude cubana de hoje e reafirma sua determinação de protestar contra qualquer injustiça semelhante.

Afirmou que esta mesma juventude, que honra seus mortos e não esquece a crueldade do crime e seus perpetradores, se oporá àqueles que busquem subjugar a nação cubana.

"Somos convocados pela história desta escadaria revolucionária, sempre cúmplice do movimento estudantil cubano e uma tribuna de condenação contra injustiças como o bloqueio imposto pelo governo dos EUA e o genocídio sionista na Palestina", acrescentou.

Para Diana Duhaldeborde, aluna de segundo ano da Faculdade de Ciências Médicas do Hospital Universitário Clínico e Cirúrgico Comandante Manuel Fajardo, essa página específica da história de Cuba reafirma a rejeição das novas gerações às injustiças, tanto as que ocorreram há cem anos quanto as atuais.

Como futura médica, expressou que homenageará a memória dos mortos com seu trabalho profissional e destacou com orgulho como esse sentimento se expande com a vocação humanista, solidária e internacionalista do processo revolucionário, incorporada em seus médicos.

Em 24 de novembro de 1871, os alunos do primeiro ano de Medicina aguardavam no Anfiteatro Anatômico seu professor Pablo Valencia, que deveria dar uma aula, mas quando souberam que se atrasaria, vários decidiram assistir às práticas de dissecação do Dr. Domingo Fernández Cubas.

De acordo com as anotações históricas, alguns entraram no cemitério, localizado perto da escola, e caminharam por seus pátios. Um deles, Alonso Álvarez de la Campa, pegou uma flor que estava em frente aos escritórios do cemitério, o que provocou a ira do zelador, chamado Vicente Cobas.

Ele os acusou de arranhar o vidro que cobria o nicho onde repousavam os restos mortais do jornalista espanhol Gonzalo Castañón, diretor do La Voz de Cuba, porta-voz do corpo de voluntários, que havia sido morto por um patriota cubano em Key West, EUA.

Os estudantes foram presos e julgados em um julgamento sumário, e acabaram condenados à pena máxima, enquanto outros três foram escolhidos aleatoriamente para atender às exigências de sangue dos voluntários.

Os oito estudantes condenados à morte foram levados três dias depois, em 27 de novembro de 1871, para a esplanada de La Punta, onde ocorreu a execução, considerada um dos crimes mais atrozes cometidos na Ilha pelo colonialismo espanhol. (Fonte: ACN)

<https://www.radiohc.cu/pt/noticias/nacionales/370818-cuba-presta-homenagem-aos-oito-estudantes-de-medicina-fuzilados-ha-153-anos>



Radio Habana Cuba